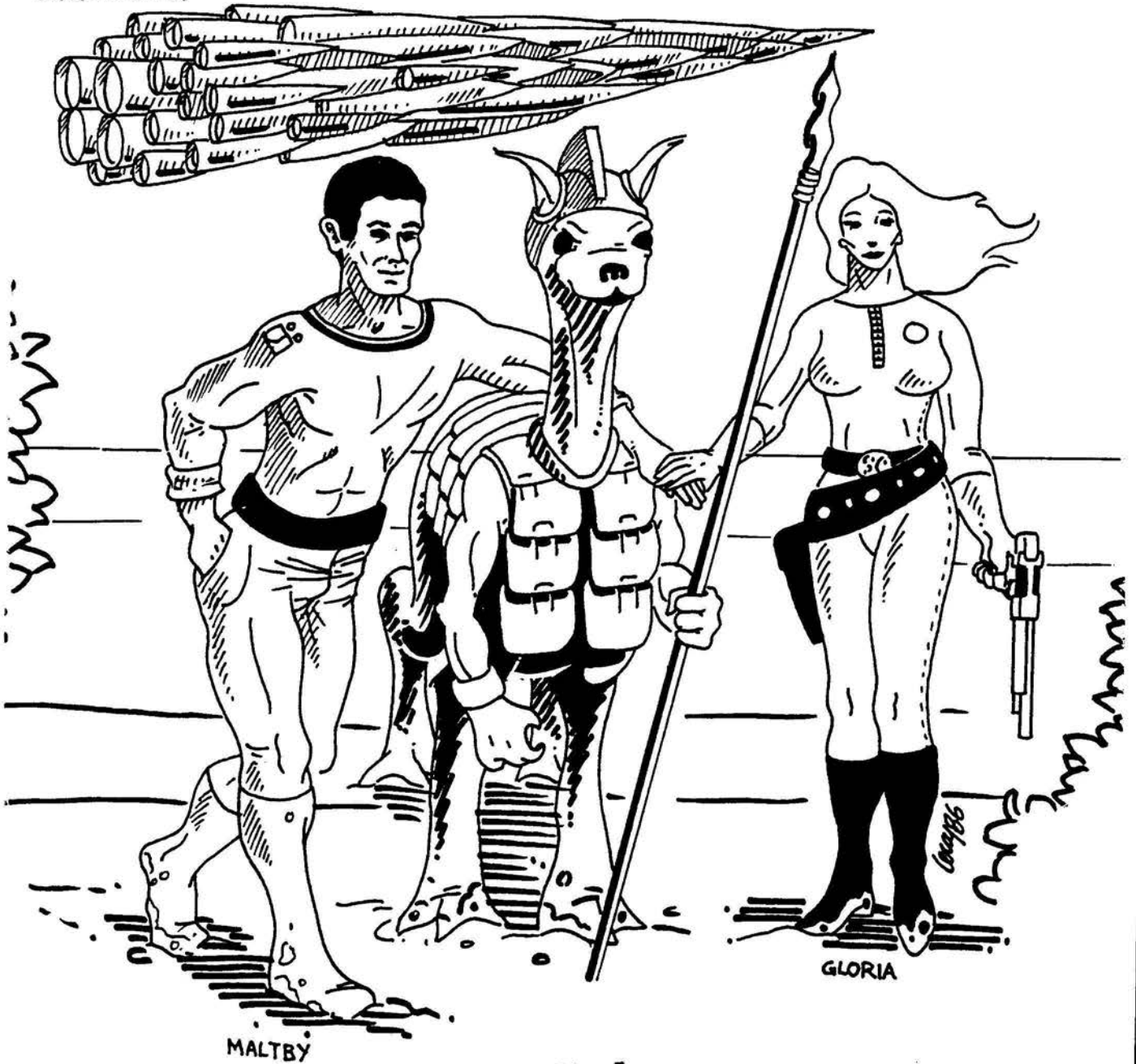


SOMNIUM

BOLETIM DO CLFC

ANO II - Nº 24 - DEZ. 87

STAR CLUSTER



MISSÃO NAS ESTRELAS
A.E. VAN VOGHT

SOMNIUM® é o boletim oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica-CLFC, publicação mensal distribuída gratuitamente a todos os associados em dia com seus encargos sociais e não possui serviço de assinatura. Aceitam-se colaborações, que ficam sujeitas a apreciação da Editoria. Os trabalhos publicados não fazem juz a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os artigos assinados estão creditados a seus respectivos autores; as demais matérias estão sob responsabilidade da Editoria do boletim.

Somnium nº 24 - dezembro de 1987 - Ano 2 Editor : R. C. Nascimento - Tiragem : 100

Í N D I C E

Capa : ilustração de Cesar R. T. Silva

Editorial		1
Novos Sócios		1
Lançamentos		2
Internacionais		2
Contatos Imediatos		3
Cartas dos Sócios		
. Fritz Peter Bendinelli		4
Contos		
. O Lutador-Matador de Horom	Roberto de Souza Causo	4
. Qual É A Pergunta ?	Laerte Francisco Lemmi	7
. Primeira Visita	Sérgio Peixoto Silva	8
Artigos		
. Dúvidas Geradas Por Leituras Asimovianas	Fritz Peter Bendinelli	10
. Depoimento	Roberto de Souza Causo	12
. Metralhadora Giratória II	Fábio Fernandes	13
A Tradução Analisada		
. O Planeta Do Rio	Fábio Fernandes	14
Colecionando		
. Editora Ulisséia	Caio Luiz C. Sampaio	15
Crônicas do André		
. Velhos Tempos, Do Meu Avô Astronauta	André Carneiro	16
Planejamento Editorial Para 1988		18
Quadrinhos		
. O Batedor (final)	Cesar R. T. Silva	

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, SP aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob nº 79.416/86.

Sua Diretoria, para o biênio 87/89, está composta pelos sócios R.C. Nascimento [Presidente], Ivan Carlos Regina [Secretário Executivo] e Carlos Roberto Dontal [Tesoureiro]. Compõe ainda a administração o sócio Sérgio Fonseca de Castro [Representante Oficial no Rio de Janeiro].

Toda correspondência para o CLFC e para a Editoria do Somnium deve ser endereçada para
 Caixa Postal 2209 - Ag. Central
 01051 São Paulo, SP

A Editoria agradece aos sócios que colaboraram com matérias para este número do boletim, e solicita que novos trabalhos sejam remetidos, lembrando que a data de fechamento da edição, para recebimento de matéria, é 20 (vinte) do mes.

O índice geral de todas as matérias de 1987 será publicado juntamente com o nº de jan

EDITORIAL

Mais um ano de vida plena. Graças ao esforço de um abnegado número de sócios, chegamos ao nosso vigésimo quarto número. Editado ininterruptamente nos últimos dois anos é, sem dúvida, um marco significativo nas publicações do gênero. Assim é que desejamos agradecer a todos quantos têm colaborado conosco, enviando artigos, contos, crítica literária, de cinema e vídeo, testes, ilustração, e material para seções fixas, de tal sorte que este boletim tem podido manter um conteúdo variado e de boa qualidade.

Da mesma forma, agradecemos a todos que têm enviado cartas para nossa seção especializada. Esta seção permite a exposição franca da opinião dos sócios, abrindo o debate de todo necessário sobre temas os mais diversos. Se a correspondência entre os sócios é estimulada constantemente, de alguma forma limita a troca de opiniões entre aqueles que se escrevem com mais frequência; já a seção de cartas, permite que todos participem simultaneamente. Que tal usarmos este espaço mais frequentemente?

Se, por um lado, nosso boletim vai bem, nossas finanças não vão tão bem assim. Para falar a verdade, chegamos ao final deste exercício com problemas financeiros; de toda programação de 87, conseguimos cumprir apenas parte. Isto se deve ao fato de um número significativo de sócios não terem recolhido seus encargos sociais, e um grande número de outros sócios o terem feito com muito atraso.

Quando alguma coisa não vai bem, há que ser mudada. E será isto que estaremos fazendo a partir de 88, conforme deliberação da Assembléia de setembro, ratificada pela de dezembro deste ano: 1. doravante, novos sócios pagarão apenas uma jóia de admissão, equivalente a 1 (uma) OTN; 2. a partir de janeiro de 88, o Somnium passará a ter as sinaturas trimestral, semestral e anual, a ser paga antecipadamente (veja ficha anexa, com tabela de valores); 3. quaisquer promoções do clube somente serão realizadas se contarmos com os fundos necessários em caixa, ou os recolhermos antecipadamente. Contamos com todos, como sempre, nesta nova fase. Cremos que os novos caminhos escolhidos trarão bons resultados; mas, ainda assim, estaremos dispostos a ajustá-los tantas vezes quantas necessárias, até encontrarmos a fórmula ideal.

Finalmente, e em nome de toda Diretoria, desejamos a todos os sócios um ano de 1988 repleto de alegrias, saúde, realizações e muita grana. Que seja um ano em que possamos crescer, de modo que tenhamos condições e recursos para nos fazermos ouvir melhor e mais longe. Que seja um ano de renovações. Que seja um ano de PAZ.

NOVOS SÓCIOS

É com muita satisfação que damos as boas-vindas a mais quatro companheiros, cujas inscrições fazem com que se atinja, com folga, nossa meta de 100 (cem) associados até o final deste ano. A todos os que se empenharam na divulgação do clube e na arregimentação de novos sócios, nossos melhores agradecimentos. E, para 1988, um novo desafio nos espera: chegar ao final do ano com 150 (cento e cinquenta) sócios. Colabore para que mais esta meta seja alcançada. Lembre-se: quantos mais formos, e mais unidos e combativos, mais próximos estaremos do momento de influirmos mais decisivamente nos destinos da Ficção Científica no Brasil.

99. Douglas Mariano é analista de suporte técnico e um dos inspiradores do "Quem É Quem - Vol. I". Fã e colecionador de FC há muitos anos [Rua Lathif Fakouri 333 aptº 81 - 04368 São Paulo, SP]

100. José Renato Almeida Lopes é livreiro e proprietário da Livraria Papel Velho, em Santana, São Paulo, conhecido de todos nós. Grande amigo e incentivador do clube e de suas atividades, merecedor sem qualquer dúvida deste seu número de inscrição muito especial. Apreciador do gênero, trará, sempre, muitas e interessantes colaborações para o boletim [Rua Cons. Saraiva, 173 - 02037 São Paulo, SP]

101. Flávio Paixão da Silva [Rua Henri Dunant, 997 - 04709 São Paulo, SP]

102. Marien Calixte é jornalista, contista, poeta, pintor. Seu conto "O Visitante", premiado em concurso de âmbito nacional, abre o livro "Alguma Coisa no Céu", comentado por Roberto de Souza Causo no Somnium nº 16 [abril de 87, pag. 10]. Sem dúvida uma aquisição que muito nos honra e que traz ao CLFC mais um nome de peso.

Seus autores favoritos são Clarke, Asimov, Bradbury e Calife [Rua Padre Nóbrega, 10 - 29015 Vitória, ES]

Favor anotarem as seguintes alterações de endereço :

20. Fábio Yoshio Kashino [Rua das Camélias, 98 - 38800 São Gotardo, MG]

37. Sandra Regina Sarquis [Conj. Antonio Magalhães II, QD. 'D', 67 - 57040 Maceió, AL]

LANÇAMENTOS

Últimas novidades disponíveis, conforme informações recebidas de livreiros, casas editoras e publicações especializadas :

ARGONAUTA (Livros do Brasil)

362 O Planeta Fantasma [Bob Shaw]

364 A Hora da Inteligência [Poul Anderson]

363 As Linguagens de Pao [Jack Vance]

365 Para Além do Acontecer [Frederik Pohl]

EUROPA-AMÉRICA (FC-Bolso)

138 A Guerra dos Mercadores

The Merchant's War

Frederik Pohl e C. M. Kornbluth

GRADIVA (FC-Bolso)

6 A Pegada - Vol. II

Footfall

Larry Niven e Jerry Pournelle

INTERNACIONAIS

Material recebido de nossos correspondentes no exterior :

- Anunciados e entregues os World Fantasy Award 1987, no decorrer do banquete de encerramento da World Fantasy Convention, realizado no último dia 19 de novembro, na cidade de Nashville TN :

Best Novel

Perfume

Patrick Suskind

Best Artist

Robert Gould

Best Novella

Hatrack River

Orson Scott Card

Special Award - Professional

Jane Yolen

Best Short Story

Red Light

David J. Schow

Special Award - Non-Professional

Jeff Conner (Scream/Press)

W. Poul Ganley (Weirdbook/Weirdbook Press)

Best Anthology/Collection

Tales Of The Quintana Roo

James Tiptree, Jr

Life Achievement Award

Jack Finney

Special Award

Andre Norton

- Os vencedores do 1987 Gigamesh Awards foram, respectivamente, na categoria *fantasia* (não houve prêmios na categoria *ficção científica*) :

Best Novel - Elric of Melnibone
Michael Moorcock

e Death's Master
Tanith Lee

Best Anthology/Collection - Swords Against Death [Fritz Leiber]

Best Short Story - House of Thieves e The Bazaar of the Bizarre
Fritz Leiber e Fritz Leiber

Ambas editadas na antologia Swords Against Death

- A ConFederation [1986 Worldcon] teve um lucro líquido de cerca de US\$ 90 mil, que se são destinados a programas tais como promoção de publicações de fãs, edição de fitas gravadas com obras de FC, padronização do acesso de deficientes físicos a convenções de FC e programas de educação infantil, entre outros.

É o que nós cansamos de repetir, mas parece que ninguém ouve : FC dá [muito] lucro.

- Robert Silverberg e sua esposa Karen Haber são os novos editores da série de antologias **Universe**, até então editada por Terry Carr. A série, publicação da Doubleday/ Foundation deixará de ser anual, passando a bi-anual, mas com formato ampliado. Aos interessados em submeter trabalhos, vale notar as seguintes dicas : os editores so mente aceitarão trabalhos de FC, recusando obras de fantasia pura e horror; os tra balhos devem ser absolutamente inéditos; os trabalhos devem ter, no máximo, 20 mil palavras. Os trabalhos aceitos serão remunerados entre US\$ 0.50 e US\$ 0.75 por pa lavra. Enviar para Robert Silverberg & Karen Haber, Box 13160, Station 'E', Oakland CA 94661
- Falando em Silverberg, ele esteve na França onde, aos 24 de outubro último, recebeu o primeiro Prix Fondation Ariane. Este prêmio será anualmente concedido pela indús tria AEROSPATIALE para galardoar o conjunto da obra de autores de FC, e é represen tado por FF 40 mil e um modelo do foguete Ariane IV
- Recentes rumores levam a crer que o filme Star Trek V foi postergado um ano ou mais, dizem que em função de Leonard Nimoy estar dirigindo um outro filme. Enquanto isto, a nova série parece estar sendo bem recebida pelo público, ainda que, em recente en trevista, o ator Jonathan Frakes [Commander William Riker] se tenha mostrado preocu pado no que respeita à manutenção do nível de qualidade dos episódios da série
- A obra de Fredric Brown **Martians Go Home** foi adquirida por Edward R. Pressman, e co meça a ser rodada no próximo ano com um orçamento de cerca de US\$ 7 milhões. O fil me será dirigido por David Odell (roteirista de Dark Crystal e Masters of the Univer se) e terá roteiro de Charles Haas
- A Steve Jackson Games adquiriu os direitos da obra **Witch World**, de Andre Norton

CONTATOS IMEDIATOS

Recebemos e agradecemos :

- Serviços Bibliográficos da Livraria Portugal. Catálogo da tradicional livraria por tuguesa, que nos chegou às mãos pela gentileza do companheiro Bias (30); gratos
- Releases da Editora Livros do Brasil, dando conta dos lançamentos na coleção Argo-- nauta. Trazem apenas o título portugueses
- Cartões de Natal dos sócios Fritz Peter (7), Ismael (10), Caio (16), Maria Angela (24), Bias (30), Bráulio (44), Antonio Celso (52) e Aécio (88). Da mesma forma re cebemos e agradecemos os votos de Feliz Natal que nos enviaram a Gilda Penteado, da Brasiliense, a Editora Livros do Brasil e a Jane Terezinha, do Clube de Ficção Cien tífica Antares, de Porto Alegre.

A todos, nossos votos de um Ano [realmente] Novo repleto de alegrias e sucesso

- O livro **Alguma Coisa no Céu**, enviado pelo Marien Calixte com uma gentil dedicatória ao CLFC. Trata-se de uma coletânea de [6] contos, com ilustrações de Wagner Cesar Veiga

Infelizmente, nem sempre temos boas notícias. Tomamos conhecimento do falecimento do José Sanz, ocorrido no último dia 21 de dezembro no Rio de Janeiro. Crítico, tradutor e livreiro, falece aos 72 anos, de câncer. Nas décadas de 50 e 60 foi colaborador as síduo do Jornal do Comércio e de O Globo (onde escrevia sob o pseudônimo de Sérgio Bã rreto Leite). Dirigiu por longo tempo a Cinemateca do Museu de Arte Moderna, quando o acervo daquela instituição teve um significativo incremento. Entusiasta do Cinema No vo, teve outra grande paixão : a Ficção Científica. São suas inúmeras traduções para o gênero.

Endereços úteis

British Science Fiction Association
18 Gordon Terrace
Blantyre, Lamarkshire
Scotland G72 9NA
ENGLAND

Los Angeles Science Fiction Society
11513 Burbank Blvd
North Hollywood, CA 91601
USA

CARTAS DOS SÓCIOS

FRITZ PETER (7) : envio mais algum material para encher o saco dos leitores do Somni um. Não, não se trata de um curso de extensão e pós graduação sobre Branca de Neve (e afinal, qual era o nome da criatura? Só conhecemos o da bruxa-rainha; Grimilde, se não me falha a memória. O resto é um bando de anônimos. O príncipe, nem se fala. Além do mais, qual o relacionamento da donzela (?) com os anões, ou mutantes? E com os animais, então?).

O que tenho à mão é uma série de dúvidas que me foram legadas pelas últimas leituras Asimovianas. Se a crítica é feita em cima de material ainda não traduzido, não me culpe, mas às editoras, que agem com morosidade de estatais. Só peço para verificar se é a primeira vez que a crítica sai antes da tradução.

Sem mais, acrescento ao açabrão os meus votos de Boas Festas, extensivo a todos os sócios do CLFC, com especial carinho àqueles que "deram o sangue" neste ano de 1987.

© Copyright 1966 by Fritz

Como sempre, seu material nos enche a mente e o coração, jamais o saco. Vai publicado, com o pedido de sempre: queremos mais.

Voce tem razão, até onde sabemos: apenas a bruxa-rainha e os mutantes não são anônimos (ugh). Quanto ao relacionamento da donzela (!) com os anões, recomendamos assistir ao filme [nacional] Histórias Que Nossas Babás Não Contavam; não deixa de ser uma visão a mais.

Gratos, em nome de toda Diretoria e do Corpo Social, pelos votos de Boas Festas. Retribuímos, todos, com nossos agradecimentos pela constante colaboração que muito tem enriquecido nosso boletim e a nós mesmos.

CONTOS

O LUTADOR-MATADOR DE HOROM

O filhote do lutador-matador nasce após uma gestação estimada em 55 dias padrão. Logo após o nascimento, a cria, ainda como feto (por definição), entra numa dobra de pele da mãe, situada na parte interna de uma das coxas. Contrações musculares da perna e das costas da fêmea empurram o filhote por sob a pele até uma bolsa natural existente na parte superior do seu pescoço.

Na bolsa, a cria - que continua ligada à mãe pelo cordão umbilical - acomoda-se diante de um orifício circular e coloca para fora seus grandes olhos (a parte mais desenvolvida de seu corpo, nessa etapa), cobertos por uma forte película protetora. Dali e le pode acompanhar todos os movimentos da mãe, até completar seu desenvolvimento, em aproximadamente 11 dias.

Ao atingir um tamanho próximo ao da cabeça de um lutador-matador adulto, o filhote deixa a bol



sa e passa a acompanhar a mãe no solo.

Durante todo o tempo de desenvolvimento de sua prole, a fêmea do lutador-matador permanece em movimento, percorrendo grandes distâncias, com raras pausas para descanso.

Esse processo inusitado de nascimento/maturação é uma forma de

provocar uma rápida adaptação do recém nascido, utilizando o tempo em que o feto ainda se desenvolve para exercitar as suas percepções do ambiente e prepará-lo para a vida extremamente competitiva de um lutador-matador.

Pouco se sabe sobre a origem deste estranho animal (veja o quadro), nem o porque dele ser chamado de "lutador-matador". Sabe-se, porém, que não existem relatos destes antes de duas gerações de colonos terem se instalado em Horom, o que aumenta ainda mais o mistério sobre essas feras.

Os lutadores-matadores são extremamente agressivos e representam uma ameaça constante para os colonos, principalmente nas áreas mineiras em expansão.

Bem munidos com garras e dentes, dotados de uma secreção glandular que é injetada em camadas superficiais da pele elástica, que os torna capazes de produzir mimetismos adequados para todos os ambientes de seu habitat (todo o planeta) e possuem grande resistência a traumas e ferimentos. Esses fatores, bem como outros não confirmados - por exemplo a capacidade de rearranjar órgãos internos em decorrência de ferimentos e um poder de cicatrização muito rápido - fazem desses animais um grande perigo para a humanidade de Horom.

Nesse sentido, registra-se um terrível hábito dos lutadores-matadores: as fêmeas constantemente atacam grupos numerosos de colonos acompanhadas de suas crias. Elas acabam invariavelmente mortas, mas os filhotes sempre conseguem escapar. Alguns estudiosos aventam a hipótese desses ataques fazerem parte do treinamento que a fêmea lutador-matador ministra à sua cria.

Outro ritual grotesco desses animais é o de devorarem a cabeça de suas vítimas humanas, deixando o restante do corpo intacto. Estranhamente, os estômagos de exemplares abatidos revela que a dieta do lutador-matador é composta basicamente por vegetais, fato inédito num animal tão bem preparado para a função de predador.

Existem muitas teorias tentando explicar a evolução dos lutadores-matadores. A mais aceita é de que se trata de alguma mutação de

animais que existiam no planeta antes da chegada dos primeiros exploradores. Infelizmente, nessa época foram feitas poucas pesquisas zoológicas. Assim, parece que informações que poderiam solucionar o mistério da evolução dos lutadores-matadores estão perdidas no passado de Horom.

No entanto, parece ser aceito que o animal evoluiu de um outro da classe dos mamíferos, embora o lutador-matador não tenha classificação zoológica oficializada.

Desde que tomou conhecimento pela primeira vez dos ataques de lutadores-matadores, a Administração Colonial de Horom tem visto serem frustradas suas tentativas de erradicarem essa ameaça.

As primeiras iniciativas de comandos de caça motorizados não foram bem sucedidas e, inclusive, relaciona-se um aumento na incidência de ataques de lutadores-matadores após as incursões dos comandos. A sugestão de bombardear determinadas áreas do planeta com radiação mortal mas de vida curta foram rejeitadas diante da dispersão das comunidades mineiras na superfície de Horom. A extinção da floresta do cinturão equatorial, onde não há ocupação humana devido ao calor demasiado, também não produziu queda na incidência de ataques. A operação mais custosa, a de caça através de sofisticados robôs voadores, também foi frustrante.

A Administração Colonial não tem explicações para os fracassos seguidos e atualmente procura organizar a expansão colonial observando estatísticas de ataques nas áreas de ocupação. Atualmente, estuda-se a hipótese de produzir uma substância anuladora das secreções responsáveis pelo mimetismo do animal. E, além disso, promoverá em breve a campanha de caça a nível planetário, com prêmios para os que abaterem maior número de lutadores-matadores.

Segundo a hipótese formulada pelo Prof. Antonio Seixas Gomes, do Instituto Exobiológico Federal, o "lutador-matador" é uma espécie de união de forças de um sistema ecológico para produzir uma mutação capaz de fazer frente ao ser humano. Alguns casos desse fenômeno desconhecido já foram observados em escala reduzida em outros mundos coloniais, mas nenhum com a intensidade que aventamos para o caçador matador".

Em seu livro popular "Impecilhos Para A Plena Colonização Espacial", o Prof. Gomes fala da reação humana ao lutador-matador: "O maior obstáculo para a colonização efetiva de Horom é o animal conhecido como 'lutador-matador'. Não pela sua ameaça física que não é capaz de vencer o número e a tecnologia dos colonos. O principal perigo advém de um fenômeno social ainda não registrado, mas de fácil previsão. Atualmente o homem moderno vive a Síndrome de Identificação Coletiva Progressista, acreditando piamente no destino manifesto do Homo Sapiens de povoar e gerenciar o Universo. A reação típica diante de obstáculos antagônicos é a de fúria fanática e destrutiva. Até o momento, o Homem não encontrou ainda inimigos que não fossem vencidos rapidamente. O surgimento de um ser a que todas as tentativas de exterminar são irrisórias pode vir a causar um choque psicológico referente à perda da confiança cega na tecnologia e à dúvida da legitimidade de Destino Manifesto por Deus".

As páginas do livro foram fechadas com brusquidão.

Para Márcio Medeiros a leitura apenas fizera aumentar a sua confusão. Ele juntara-se a um grupo de caça por achar que seria uma mudança na rotina que conhecia desde sua chegada a Horom, há três semanas. O trabalho em afastados campos de mineração o entediava e o esporte da caça lhe pareceu especialmente atraente na ocasião. Um novato na realidade do planeta. Não sabia em que estava se metendo.

De início não entendia porque tanto rebuliço por causa de um animal. O que ele pensava ser uma atividade desportiva na verdade assemelhava-se à uma espécie de cruzada patrocinada pela Administração.

Nunca tinha visto um lutador-matador de perto e a maioria dos seus companheiros também não sabia precisar a aparência do animal. Muitos o descreviam laconicamente: "O Demônio".

Grande parte dos caçadores era formada por homens que tiveram amigos ou parentes mortos pela fera, ou por aventureiros inexperientes e arrogantes como Medeiros.

A primeira mostra do que eles enfrentariam surgiu num caminho entre as rochas próximas a um campo de mineração por onde o grupo de caçadores passou. Três figuras decapitadas e atiradas ao pó. Seus corpos intocados, as cabeças desaparecidas.

Para muitos o animal fazia aquilo "de propósito", para preparar com o terror as suas futuras vítimas. Simião, brasileiro como Medeiros, lembrava as extintas onças que, segundo ele, matavam suas vítimas com mordidas no crânio. "Esse bicho daqui é pior", dizia, "faz isso só pra assustar a gente".

A visão dos homens sem cabeça impressionara Medeiros. A presença fantasmagórica do animal, que nenhum deles vira ainda, o assustava. Apenas uma coisa lhe dava segurança: os novos fuzis energéticos.

Segundo o chefe dos caçadores essas armas eram prova do desespero da Administração diante do até então resultado frustrado da campanha mundial de caça. Isso não fazia diferença para Medeiros, nenhum animal iria pegá-lo se ele estivesse com um daqueles fuzis.

Atirou o livro longe e deixou a barraca. Era noite em Horom e os caçadores reuniam-se soturnamente em volta de uma fogueira, ainda que fosse crença comum que o fogo atraía os lutadores-matadores. As faces iluminadas desses homens revelavam expressões preocu-

padas, constrangidas, assustadas.

Medeiros foi tomado por uma sensação estranha. Olhou em torno e descobriu uma forma vagamente humana, coberta por um saco plástico, atirada à um canto para o qual todos davam as costas. Faltava-lhe algo. Estava mais curta. A cabeça ...

Caminhando rápido Medeiros entrou no trailer que tinha a função de arsenal. Em suportes, os fuzis energéticos enfileirados e brilhantes. Jogado sobre uma mesa, um fuzil solitário com uma etiqueta presa no cano com os dizeres : John Ellis Eisler, Seguro de Vida 00674589-A.

Saiu para fora com os braços pendentes molemente ao longo do corpo.

O chefe dos caçadores dirigiu-se a ele e disse lacônica e indiferentemente para que o cupasse sua posição de sentinela. Era a vez de Medeiros, que apanhou o fuzil e saiu trôpego em direção ao posto. O chefe acompanhou seu andar cambaleante. Deu uma cuspada no chão e voltou para o calor da fogueira.

O posto era uma clareira situada em terreno elevado e aberta à lança-chamas na vegetação raquítica do lugar. Eram apenas galhos secos e troncos definhados depois da ação dos agentes desfolhantes, aplicados para dificultar a camuflagem dos lutadores-matadores.

Ventava. O chocalhar dos galhos foi gradativamente liberando a mente de Medeiros do torpor que lhe abatera depois de saber da morte de Eisler.

A múltipla iluminação da clareira produzia uma dança fantasmagórica de sombras, ao som cantante do vento e do entrecocar dos galhos. Assim, a perplexidade foi cedendo lugar à apreensão e esta ao pânico.

Alguma coisa estalou à sua frente, sombras cruzaram a clareira e ele percebeu algo caindo sobre ele.

Seus companheiros o encontraram poucos minutos depois, estirado no centro da clareira em estado de choque. A arma estava jogada a seu lado, em superaquecimento. Toda a área em torno estava incendiada em decorrência dos disparos e depois de limpa, nem um rastro sequer de um possível lutador-matador foi encontrado.

Márcio Medeiros foi removido de Horom após constatação de que o tipo de tratamento que ele necessitava não existia no planeta. Foi levado a um mundo mais desenvolvido onde foi tratado de seu estado de choque psíquico/emocional e recebeu alta oito meses depois. Uma vez que o seguro não cobria esse tipo de problema, a empresa que o empregava numa mina em Horom ofereceu-se para garantir seu trabalho. Mas ele recusou a proposta terminantemente.

Ele foi o primeiro.

Roberto de Souza Causo

QUAL É A PERGUNTA ?

Laerte Francisco Lemmi

Finalmente, depois de 70 anos de pesquisa, o primeiro Computador Associativo de Padrões (carinhosamente chamado de CASPA), estava concluído. Esse computador já estava pronto, pelo menos sua capacidade de memória, dois anos depois de começado, mas o restante do hardware e o software associativo, que iria dar ao CASPA a capacidade de pensar, foi o mais demorado.

E agora, depois do Presidente do ... fazer seu discurso ideológico de praxe, este se aproxima da tomada de força do computador e a liga na tomada da parede.

As luzes começam a pisca-pisca, os ponteiros dos relógios mostradores a se mexer. A tensão era palpável até o momento em que se ouviu uma voz esganiçada e um pouco gaga falar :

- Qual é a sua pergunta ?

Os técnicos se olharam. Havia algo de errado, mas antes que pudessem fazer alguma coi

sa, o Presidente adiantou-se e perguntou :

- Deus existe ?

O CASPA continuou seus pequenos estalidos como se nada tivesse acontecido. Tudo continuava na mesma. O Presidente voltou a perguntar :

- Deus existe ?

Nada se passou. Os técnicos se olharam de novo e uma luz de compreensão começava a brilhar em seus olhos. Como não tinham pensado nisso antes ? se perguntavam.

E depois de várias pessoas perguntarem a eles o que estava se passando, prontificaram-se a responder. Mas antes que qualquer palavra fosse dita, ouviu-se novamente dos autofalantes :

- Qual é a sua pergunta ?

Todos os presentes se olhavam estarecidos. Afinal o que estava acontecendo ? Nisso, um dos técnicos se adiantou e começou a falar :

- Como todos devem saber, esse computador faz um processamento comparativo de dados em 1 milionésimo de segundo, enquanto a mente humana demora pelo menos 1 segundo. Ora, como aconteceu de o banco de memória ter ficado ligado, para não se perder as informações que nele se introduziam por 68 anos, o computador está com a idade aproximada de sessenta e oito milhões de anos, no que se refere a sua memória, e, conseqüentemente, velho; conseqüentemente, como acontece com a maioria dos velhos, está um pouco surdo.

Ao terminar, um outro técnico passou ao Presidente um outro microfone, recomendando :

- Fale um pouco mais alto, Sr. Presidente, deste microfone ele deverá ouvir um pouco melhor.

PRIMEIRA VISITA

Sérgio Peixoto Silva

A nave se aproximava cada vez mais do planeta. Dentro dela dois tripulantes. Sua misão : travar relações com a civilização emergente naquele mundo recém-descoberto pela Sociedade dos Povos Avançados.

- É sempre emocionante, o primeiro contato - comentou o mais velho, um sub-oficial veterano de centenas de viagens espaciais - a expectativa, a recepção, a pompa ... é como se fosse novamente a primeira vez.

- Controle o entusiasmo - talhou o oficial-comandante - lembre-se que nossa missão não é a primeira a visitar este planeta. Nós apenas faremos o primeiro contato oficial.

- É verdade. Todas as outras foram de pesquisa científica e reconhecimento. Um amigo meu participou de uma dessas. O cara era doido ! Pregou um susto sem tamanho num nativo. Ele me disse que o coitado correu mais do que as pernas permitiam ... pobre selvagem ! - o tom irônico era claro.

- Seu amigo se arriscou demais ! Eles não são selvagens. Afinal, já estão nos primórdios da navegação espacial e ... ei ! Veja !

- O que ? - perguntou o sub-oficial, curioso.

- O espaço-radar acusa um objeto metálico logo à frente, em órbita geo-estacionária.

Ambos se olharam. A expressão de dúvida nos rostos.

- Será ... que é ... ? - pergunta vacilante o oficial.

- Pode ser ...

- Vamos dar uma olhada bem de perto.

- Já estou alterando o curso. - o sub-oficial juntava a palavra à ação.

Em um minuto a veloz nave já estava paralela, a uns setenta metros do estranho objeto cilíndrico em órbita do planeta. Pela janela panorâmica da nave, os dois tripulantes

observavam admirados aquele primitivo aparelho de navegação espacial.

- É realmente ! - murmurou por fim, o sub-oficial.

- Realmente ... - respondeu inconscientemente o oficial - uma estação espacial !

- O senhor tem razão. Os selvagens não são tão selvagens assim !

- Estão mais avançados do que pensamos ... - a voz do oficial tomou de repente um tom apressado e ansioso - Depressa ! Ligue o rádio e o tradutor em todas as frequências que eles usam ! Agora fiquei ansioso para falar com eles.

Contagiado pela emoção do oficial, o sub aciona freneticamente os controles.

- Prontinho ! Agora é só falar.

Segurando o microfone, ou melhor, apertando-o emocionado, o sub-oficial fecha os olhos e respira fundo. Ao abrí-los novamente, ele começa a falar. A voz em tom grave e emocionado :

- Saudações. Em nome da Sociedade dos Povos Avançados, viemos até vocês. Gostaríamos de saber se somos bem-vindos.

Nenhuma resposta.

- Alô ? Vocês da estação em órbita, nos ouviram ? Poderiam nos responder ?

Silêncio.

Ambos se olharam, com dúvidas nos rostos.

- Talvez eles não tenham instrumentos de resposta a bordo. As estações de Aren IV são assim. - comenta o sub-oficial.

O oficial considera o comentário de seu companheiro. Retornando ao microfone, ele fala, o tom de voz agora preocupado :

- Se voces podem nos ouvir, mas não podem nos responder, por favor, nos dêem algum sinal que estão nos recebendo.

Mais alguns longos e silenciosos segundos se passaram.

- Veja ! Veja ! - quase gritou, entusiasmado o sub-oficial - Eles estão movimentando a nave ! Eles estão nos recebendo !

E de fato. A estação girava lentamente em torno de seu próprio eixo, com seus pequenos foguetes de manobra.

- É a glória ! - continuava entusiasmado o sub-oficial - Talvez entremos para a história deste mundo ! Talvez ganhemos até uma estátua. Já pensou nisto ? Uma estátua ! É a fama !

O oficial falava como se não tivesse ouvido seu subalterno :

- Quantas maravilhas este novo mundo deve ter ! - seu olhar estava fixo na manobra que a estação lentamente fazia. - Quanta coisa podemos aprender e quanto a eles podemos ensinar ...

A estação já cessara a manobra. Sua parte frontal, em direção a nave visitante. Repentinamente, um fecho de luz azulada sai da ponta, atingindo em cheio a nave. A explosão foi praticamente instantânea, e seu clarão quase supera o do sol daquele sistema, por alguns segundos. Depois, nada ...

Algumas horas depois, a cerca de cinco horas-luz dali, a nave-mãe envia uma mensagem à base :

"Informamos a destruição da nave de reconhecimento e contato número nove, pelos nativos do planeta azul e branco. Tal atitude demonstra que seus habitantes são ainda muito hostis para um contato. Pedimos que avise para todos os povos da Sociedade para evitarem, até segunda ordem, o terceiro planeta deste sistema. Continuaremos a observação".

Indiferente a tudo, a estação automática número seis, da U. S. Air Force, continua sua vigília incansável da América contra qualquer ataque nuclear pelos Russos. Ela continua em seu posto, defendendo uma lasca do planeta azul e branco ...

DÚVIDAS GERADAS POR LEITURAS ASIMOVIANAS

Peter Fritz Bendinelli

FOUNDATION'S EDGE, pag. 357-365 (XVII-5)

Pelorat falando sobre a eternidade

- . De acordo com "The End of Eternity", os Eternos eram seres humanos e não robôs, como Dom estaria supondo. Entretanto :
 - .. Existem os "Séculos Ocultos" (sec. 70.000 - 150.000). Depois destes séculos, na Terra é encontrada "vida em quantidade, mas não humana" ("The End of Eternity", pag. 35).
 - .. Existe alguém barrando aos Eternos as Realidades, o Tempo, dos "Séculos Ocultos". Quem ? Seres humanos ? Robôs ?
 - .. Se a explicação do Dr. Mandamus a respeito da origem da inteligência na Terra .. ("Robots and Empire", pag. 272 [IV-11-45]) é para ser considerada correta, seria também possível que alguma inteligência houvesse colocado a Lua numa órbita de per si bastante improvável para ser natural ?
 - .. Poderia o relativamente passivo "codjuvante" Dr. Pelorat ser um emissário ou agente dos "Séculos Ocultos" ? Afinal já tivemos a Noÿs ...

FOUNDATION'S EDGE, pag. 343 (XVII-2)

Citação do texto :

- " - Por que por causa do Mula, Bliss ?
- Ele é um dos nossos, ... Ele é um criminoso. Ele deixou Gaia sem permissão, ... "

FOUNDATION and EARTH, pag. 481 (VII-21-201)

Citação do texto :

- " ... somente neste último século é que Gaia ficou totalmente pronta ... "

Comentários :

"Este último século" a que se refere o texto acima deve ser, então, algo em volta do século IV, Era da Fundação. Isto deixa uma diferença de alguns séculos ainda com a época do Mula. Surge então a pergunta : "O que era, realmente, o Mula ?".

Teria o Mula sido um robô falhado ? Teria a Zeroezima Lei da Robótica atuado um tanto forte demais nele ? Afinal de contas, ele nunca causou dano a um ser humano. Ele, inclusive, chegou a remover emoções perigosas ou nocivas de alguns adversários ao convertê-los.

FOUNDATION and EARTH, pag. 482 (VII-21-101)

Citação do texto :

- " - Mas você precisou de mim para tomar a decisão por você, não é, Daneel ?
- Sim, senhor. As Leis da Robótica não poderiam permitir-me, nem a Gaia, tomar tal decisão e arriscar um mal à humanidade. E, no entanto, há cinco séculos, quando parecia que nunca superaria as dificuldades do caminho do estabelecimento de Gaia, voltei-me para a segunda melhor alternativa à mão e ajudei no impulso do desenvolvimento da psichistória. (...) ... a liberdade de ação é necessária até que a Gaia lãxia esteja firmemente estabelecida".

Comentários :

A última afirmação implica na escolha de Galáxia antes mesmo do aparecimento de Golan Trevis. Para que foi ele introduzido no jogo todo, então ? Para tomar uma decisão

pró ou contra Galáxia ? Absurdo, em vista da última afirmação ... Para reforçar o ponto, perguntemo-nos por que um robô, humaniforme por cima, com a idade e sabedoria de vinte milênios, haveria de arcar com a responsabilidade adicional de escolher um ser humano (Trevise) a fim de decidir sobre o futuro da humanidade através de um juízo humano falível, acumulando mais probabilidades de errar, quando ele mesmo poderia muito simplesmente fazer a escolha. No final das contas, a responsabilidade pela possível escolha humana errada ainda seria dele, Daneel, coisa que ele não poderia ignorar. Por outro lado, qual critério presidiu a escolha de Trevise ? Na tão afamada habilidade de fazer sempre a escolha certa ? Como saberia Daneel o que fosse "certo" (bem, demos-lhe crédito quanto a isto, com base nas Leis da Robótica ...) ou qual humano dentre trilhões na Galáxia fazia sempre a escolha certa ?

Como é possível a um ser humano de vida comparativamente curta saber melhor que um robô plurimilenar o que vem a ser o conceito abstrato de "humanidade", com a finalidade de poder tomar a melhor decisão ? Finalmente, onde fica a "liberdade de ação" de que Daneel falou após revelar sua existência a Bliss-Gaia ? Volta então a pergunta : por que a presença de Trevise ? Seria o início de algo totalmente novo ?

FOUNDATION and EARTH, pag. 492 (VII-21-104)

Citação do texto :

" ... o axioma não mencionado de que os seres humanos são os únicos seres inteligentes na Galáxia e, portanto, os únicos organismos cujas ações são significativas para o desenvolvimento da sociedade e da história."

Comentários :

Isto somente explica a Trevise o porque de sua escolha em favor de Gaia, de preferência à Segunda Fundação, estava correta. Mostra que a Segunda Fundação é necessária aos negócios humanos, mas Galáxia deveria ter preferência quando de assuntos que envolvessem seres humanos e outras, eventualmente desconhecidas, inteligências. Terá havido evidências de sua existência ?

Perguntas Adicionais

- . Foi Solaria alguma vez abandonada ?
Em caso negativo, como foi que deu esta impressão a todos os observadores, no lapso de menos de um mes ?
Em caso afirmativo, quem eram os ocupantes do planeta, 20.000 anos mais tarde ? Como voltou a ser ocupado ? Quando ? Para onde se transferiram os Solarianos originais ?
- . Fallom teve uma evolução um tanto ou quanto rápida, de criança semi-comatosa a pequeno gênio em meses. Afinal, levou anos para que Gaia, uma Solariana em época anterior, conseguisse adaptar-se ao convívio de pessoas, possivelmente com a ajuda de R. Giskard Reventlov. Embora houvesse uma boa diferenciação física entre Solarianos no lapso de 20.000 anos, o aspecto social, de isolamento individual, parece não ter-se alterado. Ou os Solarianos da época de Trevise seriam realmente humanos ?
- . A manobra da criança ("Foundation and Earth", pag. 462-466 [VII-20-95/97]) fez Trevise tomar consciência e suspeitar da Lua.
Saberia Fallom onde procurar Daneel, uma vez em suas proximidades ?
- . Fallom foi o primeiro a reconhecer Daneel como robô.
("Foundation and Earth", pag. 474 (VII-20-100])
- . Em lugar algum é afirmado ter Daneel influenciado Bliss contra os robôs Solarianos para proteger Fallom. Sendo Trevise considerado o objetivo principal por Daneel e tendo Bliss agido contra os robôs por representarem um "perigo potencial" e não imediato (eles entregariam a criança aos Solarianos, para que fosse decretada sua morte) a Fallom, não se aplica a desculpa que foi dada a Trevise de que ele corria perigo imediato; a situação era semelhante. Quem, então, incitou Bliss à ação ? Fallom ? Isto sem o conhecimento de Gaia ? Afinal de contas, ele bem que pode ser o próximo melhor suspeito. A menos que se lance algum olhar mais inquiridor sobre o Dr. Peloraat.

Foi aí que Treviso começou a sentir uma sensação incômoda de que alguma coisa não estava bem, da mesma forma que eu também.

- . Tanta coisa foi dita sôbre a inatacabilidade da mente de Treviso. Mas teria sua mente realmente ficado livre de influências ? Se sim, não poderia ter sido por ser realmente inatingível ?

The Robots of Dawn, Panther Books 1985 - Robots and Empire, Del Rey 1966
The End of Eternity, Fawcett Crest 1971 - Foundation's Edge, Del Rey 1983
Foundation and Earth, Del Rey 1987

Já me perguntaram se Asimov é ou não um robô. Pergunto a mim mesmo se ele não é um Eterno, dissidente, ou, melhor ainda, um emissário dos Séculos Ocultos ...

Para provar que nem sempre os tradutores são os vilões da história, permito-me apontar alguns erros encontrados em "Robots and Empire", erros aliás um tanto chatos :

- . Na página 11, lê-se "For twenty centuries, ...", em lugar de "For Twenty decades,..." para ficar de acordo não só com os duzentos anos de Gládia como com o modo de pensar dos Auroranos.
- . Na página 286, o que se encontra é "Vasilia was on her way back to Solaria now." O correto deveria ser "Vasilia was on her way back to Aurora now." Afinal, ela era cidadã de Aurora e não Solaria, onde nunca esteve.
- . Na página 389, §11, um erro (entre outros menos relevantes) de grafia : " ... only Mandanus, ..." quando deveria ser " ... only Mandamus, ..." ; afinal o personagem não mudou de nome ...

DEPOIMENTO

Roberto de Souza Causo

O Anuário Brasileiro de Ficção Científica foi idealizado para depender de pessoas ligadas à ficção científica no Brasil nas mais diversas áreas.

Quando comecei a contatar tais pessoas, fossem conhecidas ou não, tracei apenas parâmetros gerais do que imaginava para um projeto dessa natureza, sem ditar exigências espercíficas. A idéia era proporcionar uma certa flexibilidade aos textos, na medida em que cada colaborador tinha liberdade para interpretar livremente as suas tarefas. Com isso esperávamos que o leitor se cansasse menos, que pudesse reconhecer o trabalho individual de cada participante e que estes tivessem uma atuação livre e representativa.

Apenas os leitores poderão dizer se esses objetivos foram alcançados. No entanto, é certo que outras metas não foram atingidas, a começar pela data de lançamento, atrazada em meses ... Faltou espaço para a abordagem de modelismo, séries e coleções, mas isso será remediado na edição do próximo ano. Além disso, o leitor atento poderá encontrar erros de toda espécie, que contribuíram para que a apresentação visual ficasse aqué das expectativas.

O que se deve ter em mente, diante desses fatores entre outros, é que o Anuário-86 é um número experimental, incompleto e cambaleante ainda.

Mesmo a proposta de conter e comentar tudo o que se passa na FC no Brasil, no espaço de um ano e em todas as áreas, é o maior obstáculo a ser transposto. E considerando ainda que nosso país tem uma produção mínima de FC.

Apenas uma maciça reunião de esforços pode realizar esta tarefa titânica. Isso significa que cada fã ativo e interessado deve estar atento ao que acontecer dentro de sua esfera de atuação e percepção. Significa estar atento a livros independentes editados por iniciativas particulares, revelar clubes e grupos anônimos, relatar artigos publicados em pequenos jornais e periódicos. Popularizar a informação, em outras palavras.

E para que ?

Para que o Anuário possa ser um guia onde colecionadores encontrem informações detalhadas dos livros de FC lançados no país; servir como um banco de dados variados para uma eventual pesquisa; mostrar quem são os brasileiros que se dedicam à FC; refletir o grau de atuação e participação dos fãs brasileiros. E, certamente, muitas outras aplicações que apenas os leitores irão descobrir.

Contudo, um fato emerge desse mar de possibilidades : a certeza de que existe agora um espaço onde as mais diversas forças da ficção científica brasileira — fãs, autores, estudiosos, clubes — podem ser unificadas numa única direção e para a realização de um objetivo comum a todos.

É esta, pois, a principal ambição do Anuário Brasileiro de Ficção Científica. Promover, dessa maneira, o fortalecimento da FC no Brasil.

METRALHADORA GIRATORIA II

Fábio Fernandes

Primeira Rajada :

Caro senhor editor !

Um empreendimento só pode ir para a frente se, além de elogios — que, sem dúvida ou ironias, o SOMNIUM bem merece —, também aceitar críticas, no sentido de sempre e sempre procurar evoluir. É por isso que segue aqui um pedido : mais atenção na revisão do boletim !

O que acontece é o seguinte : no boletim do mês de agosto, o meu nome apareceu na autoria do conto "Terra ... Perdida Terra", que é do Marcello Simão Branco (83). Esse incidente já foi esclarecido, tudo bem; mas em outubro, outra falha : a repetição dos Hugo Awards de 1987. Dois incidentes ocasionados, sem dúvida, por simples distração, mas que devem ser evitados, para que a qualidade do nosso boletim — que, cá entre nós, é muitíssimo superior a de qualquer fanzine do gênero — aumente cada vez mais. Isso sem contar com erros de acentuação que reparei no número de outubro : várias vezes encontramos editora com acento circunflexo no "o", que não existe desde 71, e você sem acento. Mais atenção, por favor ...

Mas eu quero deixar bem claro que não estou malhando ninguém : procuro fazer com que minhas críticas sejam construtivas, não ofensivas, e democráticas, e tanto isso é verdade de que a

Salva de Resposta :

Esta Editoria sempre recebeu, com agrado, a crítica honesta, bem humorada, construtiva e direta; quando não a teve, reclamou-a mais de uma vez, basta ler alguns dos editoriais já publicados. Sem dúvida, há que se ter mais atenção com detalhes como os apontados no que se refere ao circunflexo das editoras; mas, decididamente, jamais os senhores me flagraram sem acento ...

Já quanto à repetição da lista dos Hugo Awards, há que se fazer justiça. Como já foi comentado, o boletim de outubro foi totalmente montado pela Luci e pela Marisa. Como temos que ter número par de páginas, e não tendo material que pudesse preencher a página 22 do boletim, elas lançaram mão de matéria que ocupava, exatamente, uma página : a premiação do Hugo. A isso chama-se iniciativa, e deve ser mesmo motivo de elogios. O que menos houve, no caso, foi "simples distração".

Que as críticas continuem a nos orientar na busca por uma publicação cada vez melhor.

Segunda Rajada :

Vai para mim mesmo : afinal de contas, eu tenho sido tão cáustico nas minhas críticas que vou acabar sendo conhecido como o José Ramos Tinhorão da ficção científica nacional (claro que eu perderia para algumas pessoas, mas seria indelicado citar nomes). Mas o negócio é sério mesmo. Creio que certas críticas que andei fazendo têm sido algo tendenciosas. Não por querer, acreditem; mas recebi dicas de diversos amigos daqui do Rio, e andei me questionando. Nada mais justo que uma auto-crítica de vez em quan

do, ou de vez em sempre, o que é melhor, ainda que nem sempre possível. Sem contar que às vezes falo, falo, e não digo nada : faço comentários sobre qualidade do texto traduzido e impropriedades que o tradutor comete, mas nem sempre explico do que se trata.

Prometo corrigir isso. E espero contar com a ajuda de vocês. Um grande abraço e até a próxima.

A TRADUÇÃO ANALISADA

O PLANETA DO RIO

Fábio Fernandes

Título Original	: To Your Scattered Bodies Go
Autor	: Philip José Farmer
Ano de Lançamento do Original	: 1971
Ano de Lançamento no Brasil	: 1987
Edição Original Utilizada	: pocket da Granada Publishing Ltd. - 6ª reimpressão
Edição Traduzida Utilizada	: Editora Brasiliense, São Paulo, 1ª edição
Tradutor	: David Dana (?)

Não dava pra resistir : foi tomar conhecimento da publicação deste livro e correr às livrarias. Às livrarias, sim, porque tive de ir em mais de uma : em algumas, o livro já tinha esgotado em dois ou três dias. O preço - Cz\$ 480,00 - é bastante salgado, ainda mais em tempo de Natal, mas o que um fã de FC com Colecionite Crônica não faz por um livro ?

E, diga-se de passagem, um livro que vale a pena. Para quem não lê em inglês é uma ótima pedida. E pensei que não havia nada melhor para comemorar os dois anos do CLFC. Vamos lá ?

Para começar, o tradutor : eu coloquei a interrogação ali em cima porque não tenho certeza de quem seja. Dá pra entender ? Eu também não. É o seguinte : embora no interior do livro conste o nome do David Dana, a quarta capa anuncia Geraldo Galvão Ferraz e José Antonio Arantes como os tradutores da obra. Só perguntando para a Brasiliense.

Que fez um ótimo trabalho : a capa do livro é linda; talvez seja a mais coerente que já foi feita para um livro de FC no Brasil, porque está bem claro que o capista fez o trabalho exclusivamente para o livro. Exelente.

E por dentro as coisas também estão boas. O tradutor demonstra conhecimento do idioma inglês e se sai bem no trabalho, principalmente nos diálogos, onde reproduz muito bem o linguajar de pessoas como Richard Burton e Alice Hargreaves, ingleses do século XIX, e Peter Frigate, americano do comecinho do século XXI, entre outros. E consegue traduzir certas expressões com inteligência, como a dreamgum, que aqui virou gomonírica.

Simples e fiel (andei consultando, meio às pressas, a tradução portuguesa, da coleção Argonauta - nº 263, Mundo Sem Morte, de Eurico Fonseca - e a solução encontrada não foi tão feliz : goma-dos-sonhos).

Só que nem tudo são "gomoníricas", ou flores, ou etc. Também existem erros, de vários tipos; e alguns chegam a comprometer a compreensão da obra. Como, por exemplo :

- Página 22 : "E, a despeito da repulsiva alienação da criatura, ...".
O termo sublinhado corresponde à palavra alieness, no original; só que alienação, segundo o Dicionário da Língua Portuguesa do MEC, 1976, é loucura; a tradução mais correta seria, nesse caso, a da Argonauta : "E, apesar da repelente estranheza da criatura ..." (pág. 23).
- Página 30 : "Estava regulado para matar seres humanos, só individualmente." Aqui, de novo a Argonauta fez melhor : " ... estava ajustado para matar apenas seres humanos" (pág. 32).
- Página 32 : hora do almoço ; comeram uma frase inteira aqui. " ... , e um sinal de alegria por ela ter encontrado um protetor. Burton escondeu o rosto contra o corpo dela. Não quis que os outros vissem as lágrimas nos seus olhos." A frase sublinhada não existe na edição brasileira. Já na portuguesa, ela existe, mas a tradução deixa um pouco a desejar ("Burton torceu o pescoço para encostar o rosto contra o corpo

dela").

. Página 57 : " ... pelo menos disponíveis para serem perguntadas." Esse termo é uma impropriedade : não se usa o verbo perguntar na voz passiva; o certo seria abordadas, ou então utilizar uma manobra inteligente do tradutor português : simplesmente cortou a expressão, que em português é redundante (" ... se não à sua disposição, pelo menos disponíveis.").

. Página 94 : esse erro aqui é fatal para a compreensão do texto, e provavelmente não é do tradutor. A Brasiliense já cometeu esse erro antes em pelo menos um livro (vi de minha crítica a "O Homem do Castelo Alto", Somnium nº 22, out.87, pag. 13). É o seguinte : entre a frase de Wilfreda (" - Alô - disse ela - Eu estava querendo que vo cê viesse") e o comentário de Burton (" - É o instinto de propriedade") existe um es paço, que significa duas narrativas separadas em tempo e espaço. Mas o leitor fica confuso, e demora a descobrir o que está errado se não tiver o original do lado, pa ra conferir. Ou a edição portuguesa, que neste caso não errou (confira a página 102; aliás, a frase de Wilfreda, acima, está traduzida erradamente na edição brasileira; a tradução da Argonauta é mais precisa : "Olá - disse ela - Esperava que viesse."

Na mesma página, Frigate diz que o símio matador desaparece, "porque nunca existiu , assim como o homenzinho nas estrelas também não !". De fato, o termo sublinhado re almente nunca existiu. Pelo menos, não no original. A expressão em inglês, the lit tle man on the stairs", significa "o homenzinho nas escadas", que parece estar rela cionado a sonhos e fantasias infantis. Como isso não tem sentido para a cultura bra sileira, até poderia ser cortado. Foi o que o tradutor português fez.

. Página 102 : numa mesma frase, um erro de pontuação e outro de tradução, que mudam sensivelmente o sentido : "Risos e carrancas, aqui e acolá, no rosto de regionalis tas empedernidos." O correto seria : "Risos. E carrancas, aqui e acolá, nos rostos de religiosos empedernidos." A tradução portuguesa é semelhante e não altera o sig nificado da frase.

As páginas que seguem, até onde consegui apurar, não contêm erros de tradução propria mente ditos. Como já disse, o tradutor tem um conhecimento muito grande da língua in glêsa (e, se for David Dana, provavelmente é nativo) e também da língua portuguesa. A tradução portuguesa, não a analisei : confesso que só a usei para dar apoio à brasi leira. Mas, dadas as comparações, creio ser capaz de dizer que também vale a pena ser li da, apesar de estar em português de Portugal, o que hoje em dia não é mais redundância e sim outro idioma. É uma pena que esta seção só chegará às suas mãos em janeiro, após o Natal; em todo o caso, se lhe sobrar dinheiro, taí uma boa oportunidade para você se presentear. Ou Segunda Oportunidade, mas pra saber o que é que eu quero dizer com is so, só lendo o livro. Espero que vocês tenham tido um ótimo Natal, Réveillon e que os nossos esforços, individuais e do Clube, sejam recompensados em 88. Um grande abraço.

Notas : 1. Provavelmente a partir desta crítica, passarei a enviar cada trabalho simul taneamente às editoras, para que esse trabalho tenha um retorno concreto : Não adianta eu tecer comentários, criticar e dar sugestões se as pessoas que podem fazer alguma coisa para mudar isso nem sabem que essa seção exis te. Esperemos que agora as coisas tomem outro rumo ...

2. Por motivos pessoais, abandonei a tradução de Black Genesis, do Hubbard; pas sei o trabalho para o amigo e sócio Bráulio Tavares, que está se desincumbindo da tradução de forma excelente. Mais uma vez, muito obrigado, Bráulio !

COLECIONANDO

EDITORA ULISSÉIA
Caio Luiz C. Sampaio

Esta editora portuguesa publicou, nas décadas de 50 e 60, uma sequência de livros de ficção científica, chegando mesmo a manter um "clube" de FC. Suas publicações são ra ridades aqui no Brasil, constando entre as obras de mais difícil obtenção.

A série chamou-se FC-3C, em brochura no formato 11X16 cm, não trazendo o ano de edição exceto na última obra (1965).

A coleção apresenta, intercaladamente, obras de aventuras, policiais e de ficção científica; para estas últimas, os volumes são numerados a partir de 3 (três) e sucedem-se numerados em seus múltiplos.

3 Mais Que Humano More Than Human Theodore Sturgeon	223 pp	15 Regresso ao Futuro - Anton Hanna	151 pp
6 Fundação Foundation Isaac Asimov	203 pp	18 O Incêndio da Grande Pirâmide Gebrude Weiss Verlag Hans Dominick	178 pp
9 O Declínio de Marte Aelita Alexei Tolstoi	180 pp	21 Agulha Needle Hal Clement	211 pp
12 A Grande Cruzada The High Crusade Poul Anderson	187 pp		

A Editora Ulissêia é responsável por outras obras de ficção científica, editadas em outras coleções de sua publicação.

. Coleção Marabu Júnior [obras juvenis, formato 11 X 16 cm]

21 Satêlites Perigosos - Claude Vauziere, 154 pp

. Coleção Sucessos Literários [formato 12 X 18,5 cm]

1984
Nineteen Eighty-Four
George Orwell
1955 308 pp

44 O Planeta dos Macacos
La Planète Des Singes
Pierre Boule
1963 274 pp

45 Dr. Strangelove¹
Dr. Strangelove
Peter George
1963 267 pp

50 A Guerra dos Mundos
The War of the Worlds
H. G. Wells
294 pp

¹ou Como aprendi a não me aborrecer e a amar a bomba
or How I learned to stop worrying the bomb

CRÔNICAS DO ANDRÊ

VELHOS TEMPOS, DO MEU AVÔ ASTRONAUTA

Andrê Carneiro

Em palestras e conversas, muitas vezes repeti uma comparação, inventada, se não me engano, por um cientista polonês e repetida, com pequenas variações, por cronistas e professores. Se toda a história da Terra e de sua evolução for colocada dentro de um ano terrestre, ou 365 dias, de maneira proporcional, ficamos espantados de que, somente no último minuto desse ano é que acontecem as coisas mais importantes. Aliás, a revolução industrial e toda a tecnologia inventada pelo homem são acontecimentos dos últimos segundos desse ano simbólico.

Há uma disparidade fantástica entre a evolução do homem (geneticamente falando) e a evolução da tecnologia, que ocorre em progressão geométrica. Quando li certa vez, em uma revista científica, que noventa e cinco por cento dos cientistas de toda a história da humanidade estavam vivos, julguei que havia algum engano. A explicação é simples: se a vida média de um cientista pode ir de setenta a noventa anos e se nos lembrarmos de que, somando tudo o que se inventou nos últimos sessenta anos dever-se-á acumular aproximadamente os noventa e cinco por cento da tecnologia de todos os tempos, é evidente que quase todos os inventores estão vivos.

Já do homem, como homem, não há evidências de evolução nos últimos trinta mil anos. Encontrássemos um corpo congelado, do tempo da pintura nas cavernas, e que fosse revivido hoje (tema que a FC explorou muitas vezes), sua capacidade, seus sentidos, etc. não

seriam melhores ou piores do que os do homem atual. Essa defasagem está criando problemas cada vez mais graves.

Não queremos, em uma crônica leve como esta, entrar em considerações antropológicas, filosóficas e psicológicas, ou em tentativas de análise. Mas é curioso abordar o assunto superficialmente.

Dizem as teorias que o ambiente onde o homem vive vai influenciar sua evolução ou mutação física (por exemplo, depois de centenas ou milhares de gerações, o homem vai desenvolver uma grande cabeça e as suas pernas ficarão minúsculas, fracas e quase inúteis, porque não serão mais usadas; veículos e artifícios técnicos vão transportá-lo de cá para lá, eliminando a necessidade de andar). Portanto, é certo que a tecnologia, mudando o cenário, o ambiente onde o homem vive, vai transformá-lo, em milhares ou milhões de anos. Entretanto, há possibilidades muito mais imediatas.

O homem pode, através da ciência, provocar em si mesmo a mutação artificial. Já existem produtos químicos que modificam os genes, embora não se tenha conseguido ainda qualquer espécie de controle sobre essa mutação que pode ser para pior. Vamos deixar em paz os exemplos de Chernobyl e Goiânia, tristes demonstrações de que o homem não sabe dominar aquilo que inventa.

Como a tecnologia é rápida em suas modificações, e o próprio homem lentíssimo em suas adaptações, ocorrem resistências e preconceitos que duram às vezes décadas. Antes da implantação da indústria automobilística no Brasil (os mais velhos devem se lembrar) moça de família não entrava em carro dirigido por homem (mesmo conhecido ou amigo) porque prenunciava algo imoral (o automóvel poderia levar o casal a local ermo e distante, onde o comportamento dela não seria controlado).

Há exemplos de todo tipo, e alguns paradoxais. O fenômeno da pílula anticoncepcional está mudando o comportamento sexual da mulher. Não vamos falar da AIDS; ainda navegamos nas primeiras ondas do seu turbilhão, acontecimento mais espantoso do que previsões consideradas improváveis e fantásticas da FC.

O homem demora décadas para cristalizar ou absorver novas idéias e comportamentos. Alguns analistas acreditam que, embora no limiar de um novo século, as convicções filosóficas e comportamentais do homem ainda são todas do século dezenove. Basta lembrar que as teorias mais revolucionárias do século, criadas por Marx, Freud e Einstein, são do comecinho, já com barbas brancas e vão completar cem anos muito brevemente.

Estamos lembrando tudo isso para chegar à ficção científica.

Uma professora de literatura, de bom gosto, que admira minha poesia e meu estilo, não tinha a menor idéia de que eu escrevia ficção científica. A seu pedido, emprestei-lhe *Piscina Livre* que ela devolveu sem qualquer palavra. Seria o mesmo se eu lhe tivesse mostrado um problema de palavras cruzadas de minha autoria. Ela o devolveria talvez pensando "não gosto de palavras cruzadas, nunca tentei resolver e não tem nada a ver com literatura".

É claro que, em se tratando de palavras cruzadas, ela teria toda razão; palavras cruzadas nada têm a ver com literatura. Porém, ficção científica [] literatura. Por que esta atitude de quem tenta deixar algo de fora para não ter de enfrentá-lo?

O novo assusta, principalmente quando é envolvido por alguma técnica (aliás, pouco ou muito, tudo é envolvido por alguma técnica). O ser adulto tem a tendência de se estabilizar usando aquilo que aprendeu antes (com muita dificuldade certamente). Mesmo entre profissionais como médicos e dentistas, somente uma pequena porcentagem estuda sua especialidade com o mesmo ritmo da faculdade, opção inevitável para uma eficiência completa. Sérgio Milliet, o grande crítico brasileiro, me afirmou certo dia que a literatura devia ser ensinada nas escolas de diante para trás; primeiro os autores bem contemporâneos e, só muito depois, os antigos. Imagino que fascinante resultado seria, no ginásio, explicar e exigir trabalhos sobre autores como Kurt Vonnegut Jr. e Willian Gibson, para depois chegar a Sartre, Kafka, Dostoievski. Primeiro, Mário de Andrade; depois, Machado de Assis.

Por ocasião da implantação do Museu de Arte Moderna de São Paulo, participei, modestamente, de uma polêmica contra alguns intelectuais (!?) que eram contra o projeto. Naquele tempo, e não se passaram muitos anos, ainda se dizia "Picasso? esses quadros modernistas? meu filho faz melhor".

Ainda tenho minhas dúvidas se uma grande quantidade de pessoas ainda continua pensando assim. O grande argumento, que todos respeitam, é o preço dessas telas. Milhões de dólares por um Magritte impressionam os leigos. E se esquece que a Revolução Modernista na pintura eclodiu em 1874, já lá se vão mais de cem anos.

Tudo muda, e a literatura não vai escapar. Escrevi um conto onde, no futuro, os livros trazem dois botões na lombada, um vermelho, outro verde. Os homens, apertando o botão vermelho, sentem, fisicamente, todas as sensações dos personagens masculinos e, as mulheres, com o verde, das personagens do mesmo sexo. Havia um tipo de "Surgeon General's warning" para os que trocassem os botões ou apertassem ambos ... Um amigo escritor ficou um tanto irritado com o conto, sem que eu, imediatamente, percebesse o motivo. Mais tarde, descobri : um livro, usando uma tecnologia imaginária, onde o leitor sentisse sensações ou emoções que não pelos processos tradicionais, chocava meu amigo. Quando o cinema passou de mudo para falado, todos os intelectuais do mundo protestaram contra esse "absurdo".

Para aqueles que têm preconceito contra a Ficção Científica, vou dizer uma verdade incontestável, que os vai deixar, todos, pálidos de espanto : daqui a cinquenta ou cem anos, a ficção normal será muito mais "científica" do que a FC de hoje, simplesmente porque os personagens viverão um mundo onde as tecnologias mais espetaculares envolvem a todos.

Bem, claro, poder-se-á ler romances antigos e bem comportados, do tempo em que o homem conquistou Marte ou Alpha de Centauro, e as primeiras mutações dirigidas revolucionaram o mundo ... e outras velharias ...

PLANEJAMENTO EDITORIAL PARA 1988

A linha editorial básica do Somnium será mantida para o ano de 88. A estrutura dos números mensais conterà : editorial, relação de novos sócios e alterações de endereços, lançamentos de livros nacionais e importados, contatos imediatos, seção de cartas dos sócios, contos, artigos e seções fixas.

As seções fixas serão as Crônicas do André, Colecionando, Pockets em Revista e A Tradução Analisada. Os sócios que desejarem submeter material para qualquer seção fixa deverão entrar em contato com a Editoria no menor prazo possível, de forma a reservar espaço e definir detalhes como periodicidade, título, e outros.

O noticiário internacional está mantido, ainda que dependa inteiramente dos correspondentes do exterior; assim, ocupará maior ou menor espaço, na medida do material recebido. Aos sócios que tenham acesso a material externo, solicitamos enviarem cópia para a redação, de modo a reforçar esta seção.

Para que contos mais extensos tenham sua oportunidade de edição, a partir de 88 o boletim trará, em edições intercaladas, um conto longo ao invés de mais de um conto curto. Desta forma, esperamos abrir espaço para os autores que tenham trabalhos mais encorpados. O material que temos em mãos será editado dentro desta nova filosofia.

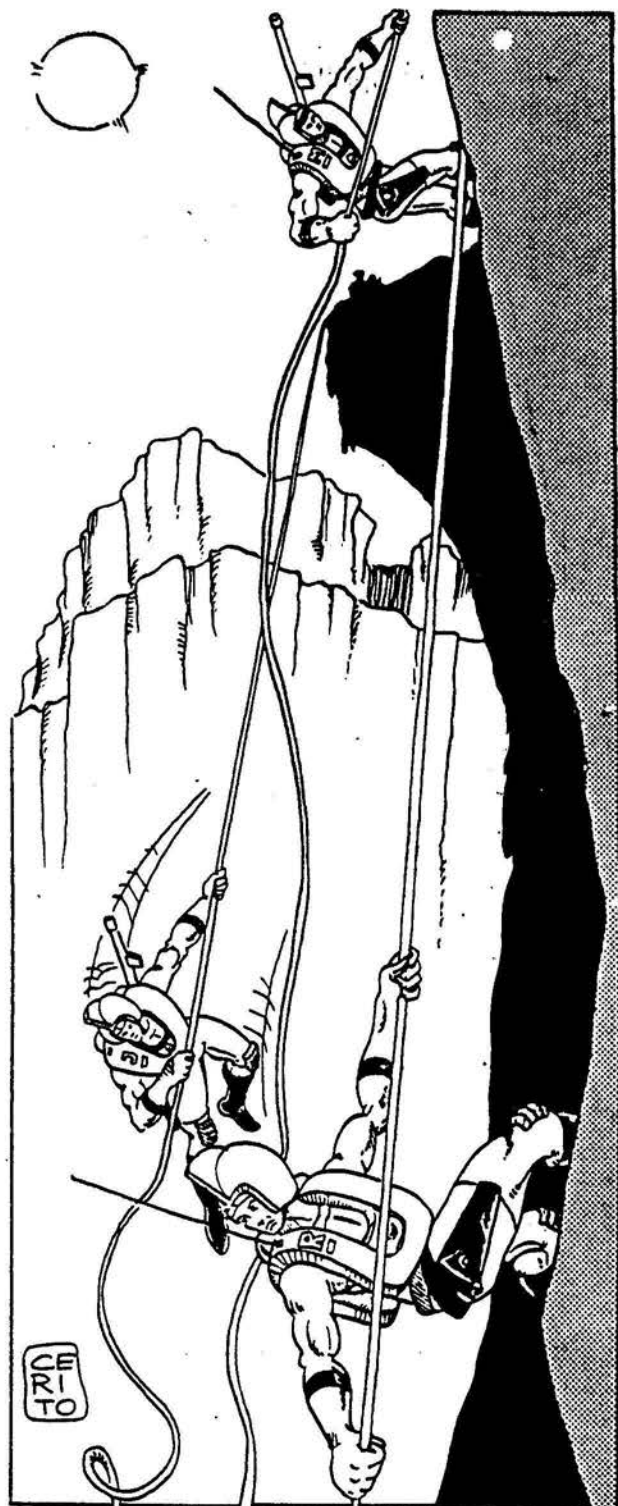
Os que desejarem submeter trabalhos de HQ devem levar em conta o esquema adotado este ano, ou seja : cada estória deve ter um número máximo de 12 (doze) pranchas, no formato A-4, originais.

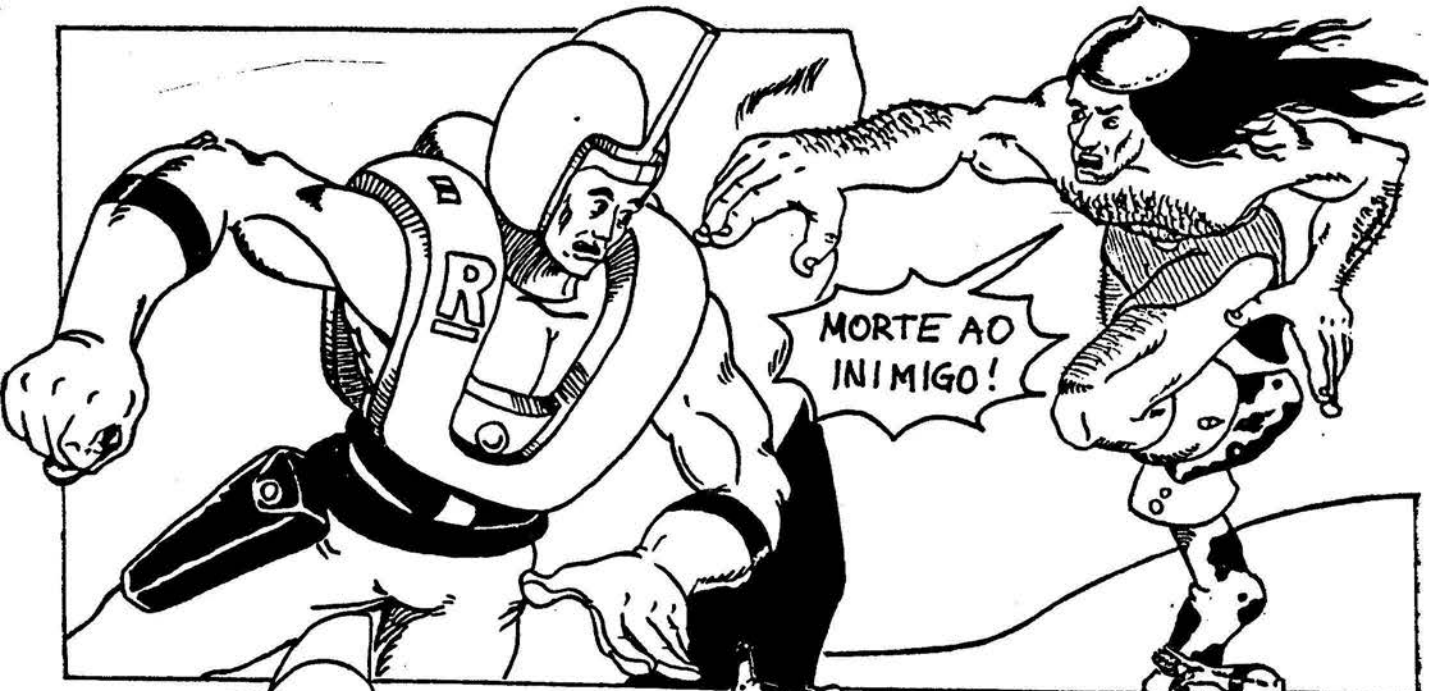
Da mesma forma, desejamos ilustrações para o conjunto de capas para o ano próximo, no tamanho 170 mm de largura por 225 mm de altura. Ilustrações de interior serão bem-vindas, da mesma forma. Em ambos os casos, favor evitar áreas chapadas. Evidentemente o tema central das ilustrações deve ser a FC, ainda que sejam aceites trabalhos centrados em fantasia, a critério da Editoria.

Será mantida a data de fechamento : 20 (vinte) do mes. Vale lembrar que, no dia 20 de cada mes, a matéria a ser publicada já deve estar em mãos do Editor; assim, favor descontar o tempo de remessa, e postar seus trabalhos com antecedência.

Será dada preferência aos trabalhos que vierem datilografados, pois isso facilita em muito a montagem do boletim, além de minimizar enganos de texto. Não se esqueçam de colocar seu nome e número de sócio no fim dos trabalhos.

ESSE BOLETIM É SEU, E SERÁ A MEDIDA DE SEU INTERESSE QUE NELE ESTARÁ !

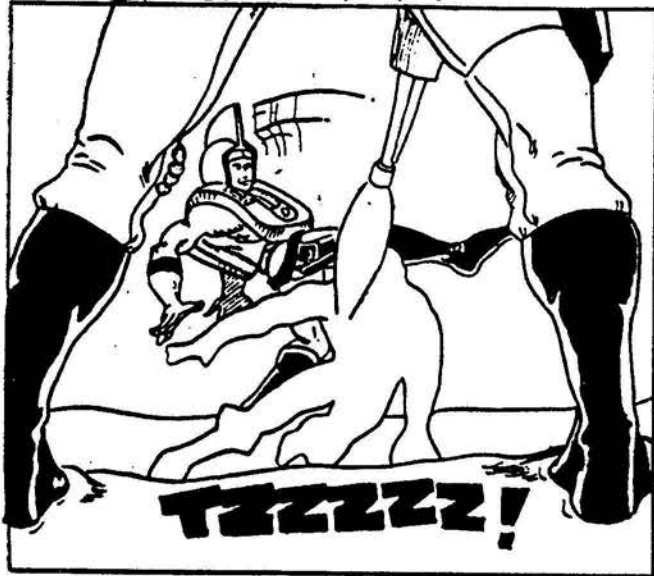




MORTE AO INIMIGO!



AFASTE-SE EU CUIDO DE-LE!



TZZZZ!



ESSA PASSOU BEM PERTO, HEIM?

NEM FALE, EU ESTAVA DESATENTADO ALIÁS, ONDE ESTÁ O EME?



ESSA NÃO! ESTAMOS BEM ARRUMADOS!

FORTE



VAMOS SAIR DAQUI!
OS HUMANÓIDES PEGARAM EM EME
E NÃO GOSTAM DE VISITAS!

TZIM!



SUBA PRIMEIRO!
EU GARANTO. AQUI!



QUE RÓLD!
AGORA ENTENDO
PORQUE ERRE
NÃO GOSTA DE SAIR!



VA' EMBORA!
ELES ME PEGARAM!

OH! VOCÊ
ESTA SANGRAN-
DO! NÃO É
ANDRÓIDE?



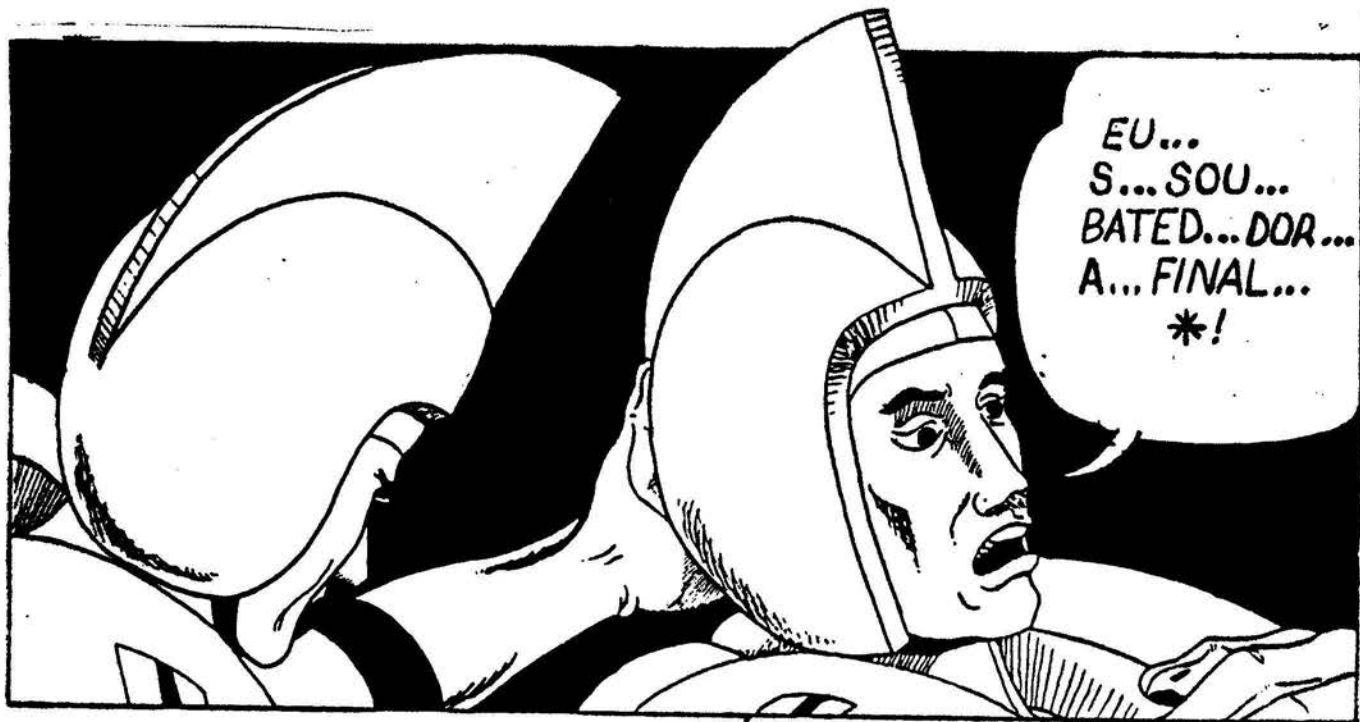
NÃO! NÃO SOU! ELES NÃO
QUERIAM DEIXAR! MAS
EU ENGANEI A TODOS!
ATÉ VOCÊS!



VAMOS!
EU O LEVAREI
ATÉ A
NAVE!

É TARDE DEMAIS!
FOI BOM ENQUANTO DUROU,
SOU UM BATEDOR
DE VERDADE! HUH!

CER-
TO



EU...
S... SOU...
BATED... DOR...
A... FINAL...
*!



APELO AO BOM SENSO
DE TODOS NA APROVAÇÃO
DA PROPOSTA LEGISLATIVA:
"ELIMINAÇÃO SUMÁRIA E
IMEDIATA DE TODOS OS
HUMANOS DA FEDERAÇÃO."
OBRIGADO
□